

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



ESTUDO PALEOETNOBOTÂNICO DO CRASTO DE PALHEIROS NA IDADE DO FERRO – UMA ANÁLISE CARPOLÓGICA

Margarida Isabel Leite¹, João Pedro Tereso², Maria de Jesus Sanches³

RESUMO

Através da análise carpológica da Área Habitacional 6 do Crasto de Palheiros procuramos contribuir para a compreensão da organização crono-espacial e funcional do Recinto L da Plataforma Inferior Leste, tentando expandir o conhecimento sobre estratégias de armazenamento, processamento e consumo identificadas, com base na identificação taxonómica e na comparação com resultados anteriores. Em quantidades extremamente reduzidas regista-se uma presença de cereais – trigos vestidos (*Triticum dicoccum* e *Triticum spelta*), cevadas (*Hordeum*) e frutos de *Arbutus unedo*. É ainda de realçar a identificação de uvas (*Vitis vinifera*).

Palavras-chave: Crasto de Palheiros, Idade do Ferro, Plataforma Inferior Leste, Carpologia.

ABSTRACT

Through carpological analysis of the Dwelling Area 6 of Crasto de Palheiros, we aim to contribute to the understanding of the chrono-spatial and functional organization of the Enclosure L at Lower Eastern Platform, in an attempt to expand the knowledge of storage, processing and consumption strategies, based on taxonomic identification and comparison to previous results. In small quantities there is a presence of cereals – hulled wheats (*Triticum dicoccum* and *Triticum spelta*), barley (*Hordeum*) and fruits of *Arbutus unedo*. There are also grapes (*Vitis vinifera*).

Keywords: Crasto de Palheiros, Iron Age, Lower Eastern Platform, Carpology.

1. INTRODUÇÃO

O Crasto de Palheiros é um dos poucos sítios calcolíticos e da Idade do Ferro do nordeste português com estudos arqueobotânicos publicados, tanto na área da antracologia (Figueiral, 2008) como de carpologia (Figueiral, 2008; Oliveira, 2000). Estes estudos incidiram sobre diferentes áreas da jazida e contribuem de forma importante para a integração da região nas sínteses e debates sobre a evolução da paisagem e das práticas agrícolas do noroeste peninsular (Figueiral & Sanches, 2003; Sanches *et al.* 2007; Tereso, 2012).

Apesar da existência de estudos prévios, um amplo conjunto de amostras, em especial dos níveis da Idade do Ferro, encontra-se por estudar. Este apresenta

potencial para esclarecer questões diversas, respeitantes principalmente a aspetos de estruturação e dinâmicas internas do sítio arqueológico. O estudo destas amostras constitui a parte central de uma dissertação de mestrado que visa a compreensão das dinâmicas de ocupação da Plataforma Inferior Leste do Crasto de Palheiros, ou seja, do seu Recinto L. Nesta plataforma foram encontrados abundantes vestígios carpológicos (Figueiral, 2008), cerâmicos (Pinto, 2011) e também osteológicos (Sanches, 2016) que têm vindo a constituir o fundamento interpretativo da área como local de armazenagem e consumo, relacionado com cereais e leguminosas, aí amplamente recolhidos. A metade norte da parte escavada desta plataforma encontra-se por estudar, mas o estudo em curso irá colmatar essa lacuna.

1. Mestranda em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto; margaridaleite_93@hotmail.com

2. InBIO – Rede de Investigação em Biodiversidade e Biologia Evolutiva, Lab. Associado / CIBIO – Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos, Univ. Porto; Uniarq – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa; jptereso@gmail.com

3. Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; Investigadora do CITCEM; mjsanches77@gmail.com

2. CRASTO DE PALHEIROS E PLATAFORMA INFERIOR LESTE (PIL): CRONOLOGIA E ESPACIALIDADE

Situado na região de Trás-os-Montes, na freguesia de Palheiros (Murça), a 590m acima do nível do mar, este sítio ocupa a totalidade de uma dobra quartzítica de grandes dimensões (Figura 1), onde as (re) construções se sucedem no tempo-espaço. A composição monumental e larga amplitude cronológica (do III milénio a.C. aos inícios do século I d.C.) são simultaneamente causa e efeito deste marcador paisagístico antrópico-natural, levando a que M.J Sanches (Coord., 2008) interprete o local como um antigo centro agregador das comunidades regionais, no Calcolítico, e como um povoado na I. do Ferro.

O Crasto é genericamente formado por duas unidades espaciais: a Interna, mais soerguida, e a Externa, mais baixa, rodeando a primeira. Esta última engloba a Plataforma Inferior e o Talude que a sustenta, mais os muros ou muralhas, da Idade do Ferro, que encimam esse talude. O Recinto L, que engloba a Área Habitacional 6, objeto deste trabalho, corresponde espacialmente à Plataforma Inferior Leste (Figura 3, Figura 4).

Em termos cronológicos, é assumido (e indicado por datas de 14C) que o povoado da Idade do Ferro tem início no séc.VI/V (Crasto III), independentemente de ter havido, ou não, continuidade com ocupações anteriores, ainda que mal documentadas, datadas de entre o séc. IX/VIII, localizáveis no Bronze Final (Crasto II) (Sanches, 2008).

De um modo mais específico, indica-se que o povoado da I. do Ferro (Crasto III) terá tido origem na área Leste, por volta do séc. VI/V a.C., em duas plataformas espacialmente contíguas – a PIL (Plataforma inferior Leste), e a área habitacional 7, ou, seja, a área habitacional sobre a plataforma do Talude Leste. Trata-se aqui de um povoado aberto (Crasto III-1). Em cronologia que não podemos especificar, mas que ocorrerá em data posterior a 300/200 a.C., a área aplanada da PIL foi rodeada por um muro, tendo uma imponente entrada do lado NE. Foi este espaço assim circunscrito, denominado de Recinto L, de ocupação contínua até cerca de viragem da Era (ou época levemente posterior), com limite por volta de 80 d.C., altura em que ocorreu um grande incêndio. Identifica-se interpretativamente como Crasto III-2 toda a vigência do povoado desde a construção do Recinto L até à ocorrência do incêndio neste local.

O incêndio em si é assumido neste trabalho como Crasto III-2 terminal.

3. CRASTO III: CONTINGÊNCIAS ESTRATIGRÁFICAS E ESTUDOS PRÉVIOS

Antes de iniciarmos a reflexão sobre os dados carpológicos do Crasto de Palheiros é necessário compreender o seu processo de registo estratigráfico. Devido à complexa ocupação do povoado, os métodos de registo foram-se adaptando às necessidades interpretativas. Tendo-se registado inicialmente por camadas (cam.), acrescentou-se-lhe, em 1997, a denominação abreviada de complexo, ou seja, “Lx.”. No fundo, “Lx” corresponde às “UEs” de Harris, mas estas não foram usadas como tal por não se ter usado a matriz em todas as suas componentes (ex. nas interfaces). Deste modo, “Lx” poderá ser lido como “UE”.

Para efeitos de estudo carpológico, subdividimos a fase III-2 do Recinto L em dois blocos estratigráficos. No primeiro – III-2 – incluem-se as unidades estratigráficas (Lx.) de desenvolvimento da vida quotidiana nesta área e no segundo, III-2 terminal, aquelas do momento do incêndio.

As recolhas de macrorrestos foram efetuadas de modo sistemático em áreas não revolvidas. Porém, a ocupação contínua de uma área provoca naturais ablações e transformações, o que deve ser tido em conta tanto em Crasto III-1 como III-2. Somente em Crasto III-2 terminal podemos afirmar termos um registo fidedigno de um momento de ocupação: aquele que vigorava aquando do incêndio (Figura 2). Não foram efetuadas recolhas de contextos estratigráficos posteriores ao incêndio, por se tratarem de níveis superficiais revolvidos pela agricultura e por potentes raízes de azinheiras.

Haviam-se estudado algumas amostras da zona sul do Recinto L, maioritariamente relacionadas com Unidades habitacionais (Figueiral, 2008) mas muitas amostras encontravam-se ainda por analisar, particularmente as da Área habitacional 6 que são objeto do presente estudo. Trata-se de uma área que precede espacialmente as Unidades habitacionais identificadas claramente em planta (Figura 3) e onde os amplos estudos arqueológicos, que incluíram análises de arqueobotânica (Figueiral, 2008), assim como estudos detalhados das produções cerâmicas (Pinto, 2011) e arqueozoológicas (Sanches, 2016), sugerem a existência, em proximidade, de locais de armazenagem de cereais, assim como de consumo.

Em ambas as subfases III-2 registam-se estruturas de combustão e aquilo que se interpretou até agora como pisos argilosos. Todavia, após cuidada observação dos “barros” recolhidos, concluímos que se torna necessário um estudo detalhado dos vestígios argilosos da Área Habitacional 6 (Figura 5), por poderem configurar possíveis derrubes de paredes argilosas cuja face exterior era, em alguns casos, pintada e a face interior revestida ou integrando ramagens. Estratigraficamente sob estes “pisos” foram recolhidas amostras sedimentares, cujo estudo aqui se apresenta.

4. MATERIAIS E MÉTODOS

O volume de sedimento recolhido para análise deverá variar mediante o tipo de contextos (concentrados ou dispersos) analisados, os recursos financeiros disponíveis, capacidade de armazenamento e, principalmente, as questões que se procuram responder sobre o sítio arqueológico, onde a definição prévia de uma estratégia de recolha de sedimentos pode minimizar a perda de informação, rentabilizando o tempo de trabalho dos investigadores e assegurando a qualidade e preservação das amostras (Zapata e Figueiral, 2000; Pearsall, 2000; Wright, 2005; Martínez *et al.* 2008). Partindo destes princípios, durante as intervenções arqueológicas no Crasto de Palheiros estabeleceu-se uma recolha máxima de cerca de 20L por cada quadrado/complexo em contextos sedimentares dispersos (*apud* Figueiral & Mosbrugger, 2000) e recolhas integrais para cada buraco de poste ou lareira.

Na área habitacional 6 foram recolhidas amostras numa grande diversidade de contextos, durante a campanha de 1999. Estas encontram-se em fase de estudo por parte da primeira autora.

Apresentam-se aqui os resultados do estudo de 13 dessas amostras, cujas análises se encontram já terminadas. Estas advêm de 10 realidades estratigraficamente distintas. Estes 10 Lx. enquadram-se na fase III, nomeadamente nas subfases III-1, III-2 e III-2 Terminal (Tabela 1):

– Fase III-1 – Desta primeira fase ocupacional foi estudado a [87] que constitui a unidade estratigráfica de ocupação com abundante argila de revestimento da qual foram recolhidas três amostras sedimentares e onde identificamos ainda material de outras estruturas relacionadas com aquela, as lareiras [89] e [92].

– Fase III-2 – Foi analisado um nível ocupacional onde se regista um anteparo pétreo a par de um piso e da presença de uma terra argilosa dura e esbranquiçada [45.1], sob o [43].

– Fase III-2 Terminal – Inclui amostras recolhidas em dois buracos de poste [75] e [86], assim como numa possível estrutura de combustão [94]. Foram ainda amostrados níveis próximos da superfície, em que [82] corresponde ao topo da camada de destruição e [77] uma camada composta por argila esbranquiçada e cadinhos de barro de revestimento pintado com marcas de ramagens. Foi também analisado um nível de difícil interpretação que encosta à muralha do Recinto L [80].

As amostras foram crivadas e posteriormente flutuadas aquando dos trabalhos de escavação, com recurso a uma malha de 2-4 mm. No laboratório, a fração leve, resultante da flutuação, foi triada com recurso a uma lupa binocular. A identificação realizou-se por comparação com material de referência e atlas morfológicos (e.g. Berggren, 1981; Anderberg, 1994). Para identificação de cereais foram utilizados os critérios morfológicos definidos por Hillman *et al.* (1996) e Jacomet (2006).

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 3 apresenta os resultados do estudo carpológico. É evidente o predomínio de grãos de trigo de grão vestido, nomeadamente de *Triticum dicoccum/spelta*, à semelhança do que se verificou nos estudos anteriores (Figueiral 2008). A cevada (*Hordeum vulgare*) surge também em diversas amostras. Os fragmentos de espiguetas ou ráquis de cereais são ocasionais assim como os vestígios de plantas silvestres. Porém, este cenário poderá advir do facto de ter sido utilizada uma malha de 2 a 4 mm no processamento de algumas amostras. Os fragmentos de ráquis e espiguetas, assim como as sementes/frutos de muitas espécies silvestres apresentam frequentemente dimensões reduzidas, abaixo da dimensão dessa malha utilizada nos crivos. Aqui salienta-se a presença de fragmentos de medronhos (fruto de *Arbutus unedo*). Recolheu-se ainda um pedicelo de uva (*Vitis vinifera*).

Nas amostras até agora estudadas, não foram encontradas diferenças significativas entre as diferentes fases (Tabela 2). O número relativamente reduzido de vestígios carpológicos não permite valorizar muito

as pequenas diferenças detetadas, nomeadamente a maior presença de grãos de cevada (*Hordeum vulgare*) nas fases mais recentes ou a presença de grãos de trigo nu (*Triticum aestivum/durum*) na fase mais antiga. Considerando a dimensão do conjunto, estas diferenças poderão ser meramente circunstanciais. Verifica-se, sem surpresa, que as lareiras – deposições primárias (*apud* Schiffer, 1996) – apresentam pouca diversidade. Os contextos com maior diversidade carpológica são exatamente os contextos dispersos, assim como contextos bem delimitados, tais como enchimentos de buracos de poste, que deverão corresponder a deposições secundárias ou terciárias (*apud* Schiffer, 1987 e La Motta e Schiffer, 1999) ou mesmo deposições naturais pós-abandono.

Ainda que de forma preliminar, o conteúdo das amostras aqui apresentadas fornece pistas para a compreensão da PIL, em especial desta área específica do Recinto L. Na comparação com os dados obtidos em estudos anteriores (Tabela 2), é evidente a reduzida quantidade de vestígios carpológicos na zona norte da área escavada (e que é aqui apresentada), contrastando com a grande abundância tanto de grãos e espiguetas de cereais, como de leguminosas na área sul. Nas amostras por nós estudadas, salienta-se ainda a ausência de grãos de milho-miúdo (*Panicum miliaceum*) e favas (*Vicia faba*), abundantes em outras áreas do Recinto. Estas ausências poderão resultar simplesmente da quase inexistência de vestígios carpológicos, em geral, ao invés de refletirem especificidades da relação destes cultivos com esta área do povoado.

A diferença de quantidade de vestígios carpológicos poderá advir também das diferenças estruturais dos dois espaços deste Recinto. A área anteriormente divulgada – a sul – caracteriza-se pela presença de diversas Unidades Habitacionais, nomeadamente construções pétreas ou de argila de planta circular. A área aqui estudada – a norte – corresponde a um espaço aparentemente aberto ou, pelo menos, sem construções pétreas, onde se encontram buracos de poste e lareiras. Deverá esta última corresponder a um local limítrofe, ainda que relacionado com a área anteriormente estudada, onde se encontram vestígios possivelmente relacionados com zona mais sul, tendo o material, sido eventualmente para aí remobilizado.

O que estes dados sugerem, por isso, é que a área interpretada como local de armazenagem e consumo de cereais, localizada no extremo sul do Recinto L,

não se estenderia para a área mais a norte do mesmo, embora lhe seja contígua no espaço.

BIBLIOGRAFIA

ANDERBERG, A.-L. (1994) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*. Stockholm: Swedish Museum of Natural History, ISBN 9172604980.

BERGGREN, G. (1981) – *Atlas of seeds and small fruits of Northwest-European plant species with morphological descriptions*. Stockholm: Swedish Museum of Natural History, ISBN 9186510266.

FIGUEIRAL, Isabel; MOSBRUGGER, V. (2000) – A review of charcoal analysis as a tool for assessing Quaternary and Tertiary environments: achievements and limits. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*. Nº 164, pp. 397-407.

FIGUEIRAL, Isabel (2008) – Crasto de Palheiros (Murça, NE Portugal): a exploração dos recursos vegetais durante o III/inícios do IIº milénio AC e entre o Iº milénio AC e o séc. IIº DC In *O Crasto de Palheiros – Fragada do Crasto, Murça-Portugal*, Murça: Município de Murça, ISBN 978-972-97337-3-4, pp. 79-108.

FIGUEIRAL, Isabel; SANCHES, Maria Jesus (s.d) – Eastern Trás-os-Montes (NE Portugal) from the Late Prehistory to the Iron Age: the land and the people, in *The Mediterranean World Environment and History*. Paris: Fouache, E. (Ed.), Elsevier, pp. 315-329.

JACOMET, S *et al.*, (2nd edition, 2006), *Identification of cereal remains from archaeological sites*, IPAS, Basel University.

LA MOTTA, V.M.; SCHIFFER, M.B. (1999) – Formation processes of house floor assemblages In *The Archaeology of Household Activities*. London: Allison, P.M., Routledge, ISBN 0-415-18052-X.

MARTÍNEZ, María Soledad García; ALMERO, Elena Grau (2008) – El papel del arqueólogo en la recuperación de macrorestos vegetales. Propuesta de muestreo in *Revista ArqueoMurcia* Nº3, Consejería de Cultura y Turismo. Dirección General de Bellas Artes y Bienes Culturales. Servicio de Patrimonio Histórico, ISSN 1697-074X, pp.1-25.

OLIVEIRA, M. (2000) – *O registo paleocarpológico do NO peninsular entre o IIIº e o Iº milénios a.C. Contributo para o estudo da alimentação pré e proto-histórica*. Braga: Universidade do Minho.

PEARSALL, D. (2000) – *Paleoethnobotany, a handbook of procedures*. San Diego

WRIGHT, Patti J. (2005) – Flotation samples and some paleoethnobotanical implications in *Journal of Archaeological Science*, Nº32, Elsevier Ltd, pp. 19-26.

SANCHES, Maria Jesus; NUNES, S.; PINTO, D. (2007) – Trás-os-Montes (Norte de Portugal): As gentes e os ecossistemas, do Neolítico à Idade do Ferro, in *A Concepção das paisagens e dos espaços na Arqueologia da Península Ibérica*, Actas do IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro: Jorge, S., Bettencourt, A.M.S., Figueiral, I. (Eds.) Universidade do Algarve, pp. 189-206.

SANCHES, Maria de Jesus (Coord.) (2008) – *O Crasto de Palheiros – Fragada do Crasto, Murça-Portugal*, Murça: Município de Murça, ISBN 978-972-97337-3-4.

SANCHES, Maria de Jesus (2016) – Animal bones, seeds and fruits recovered from Crasto de Palheiros. A contribution to the study of diet and commensality in the recent Pre-History and Iron Age of Northern Portugal in *To feed the body, to nourish the soul, to create sociability. Food and commensality in pre and protohistoric societies*. Coimbra: FLUC|CPBA|Palimpsesto, Estudo e Preservação do Património Cultural, Lda, ISBN 978-972-99352-6-8, pp. 85-125.

SCHIFFER, M. (1996) – *Formation Processes of the Archaeological Record*, Salt Lake City: University of Utah Press, ISBN-10 0874805139.

TERESO, João (2012) – *Environmental change, agricultural development and social trends in NW Iberia from the Late Prehistory to the Late Antiquity*, Porto: Biology Department, Faculty of Sciences. University of Porto, Tese de doutoramento.

ZAPATA, Lydia; FIGUEIRAL, Isabel (2000) – Carbones y semillas en los yacimientos dolménicos: posibilidades y límites del análisis arqueobotánico in *La recogida de muestras en arqueobotánica: objetivos y propuestas metodológicas, La gestión de los recursos vegetales y la transformación del paleopaisaje en el Mediterráneo occidental*. Barcelona/Bellaterra: encuentro del grupo de trabajo de arqueobotánica de la Península Ibérica.

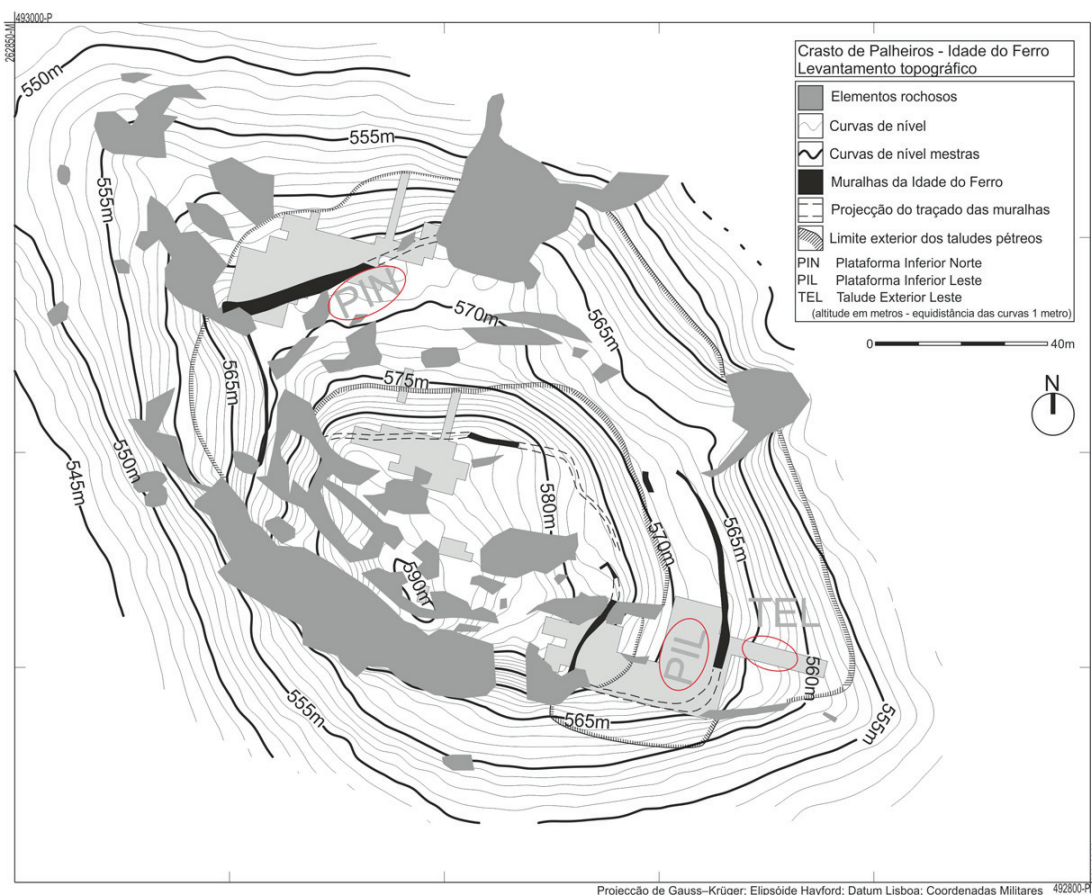


Figura 1 – Planta topográfica do Crasto de Palheiros. A área de Estudo coincide com a zona sul da PIL / Recinto L.

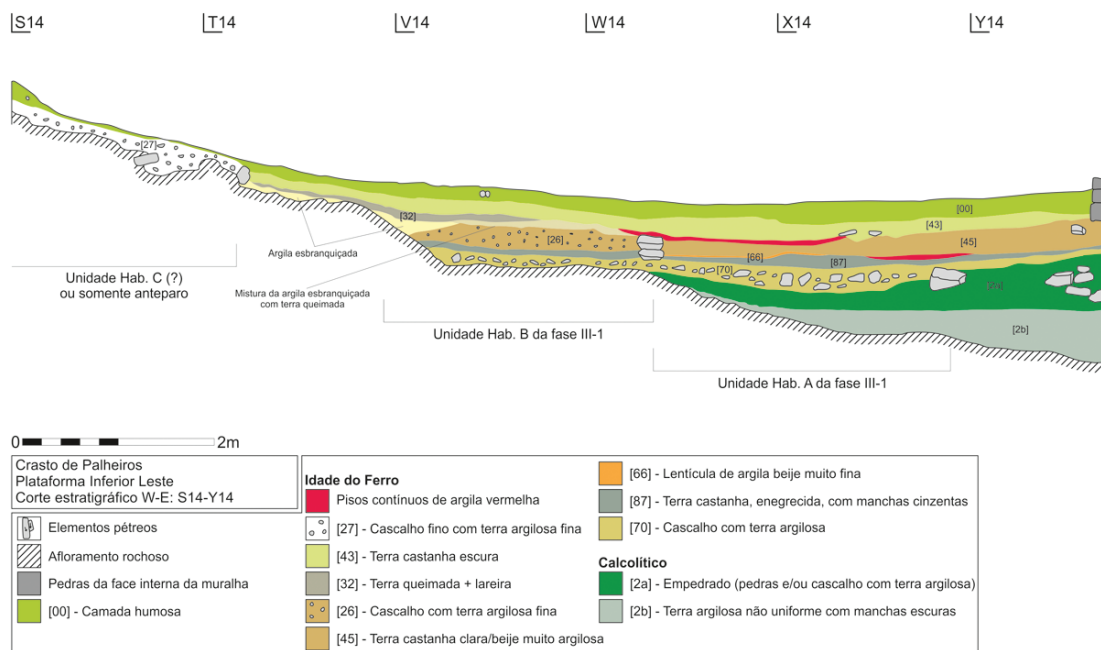


Figura 2 – Exemplicação da sequencia das unidades estratigráficas/ocupacionais da Idade do Ferro na zona norte da área escavada do Recinto L (Tintagem de Rafael Morais).

Fase	Lx.	Descrição
III - 1	87	Base da ocupação, na qual se inserem vestígios de piso argiloso. Terra castanha
	89	Possível estrutura de combustão. Mancha de terra inserida em Lx 87, mais escura
	92	Possível estrutura de combustão encostada a lajeado e inscrita em Lx. 87
III - 2	45.1	Terra argilosa dura e esbranquiçada que se distingue de um outro complexo, o Lx. 45. Sob Lx. 43 é uma área com presença de estruturas – anteparos – e um piso.
III - 2 T	75	Buraco de poste inscrito em [77], no quadrado V-16.
	77	Pertencente a subdivisão de camada. Igual a Lx. 43 e Lx. 91. Camada argilosa esbranquiçada que se encontrava abaixo da camada o, tendo-se constatado que se trata de barros de revestimento, possível área de armazenamento de cereais.
	80	Argila ou terra argilosa avermelhada em x/Y18-19, bate na muralha do recinto L
	82	Terra muito argilosa sob a camada o em V18-19 e W 17-18. Será o topo da camada de ocupação/destruição
	86	Buraco de poste, aberto na lx. 80 em Y18, 15cm de profundidade e circular
	94	Possível estrutura de combustão. Entra no corte em w19 e define-se no interior de Lx. 43 e entra no Lx. 91.

Tabela 1 – Contextos de recolha da PIL na Idade do Ferro.

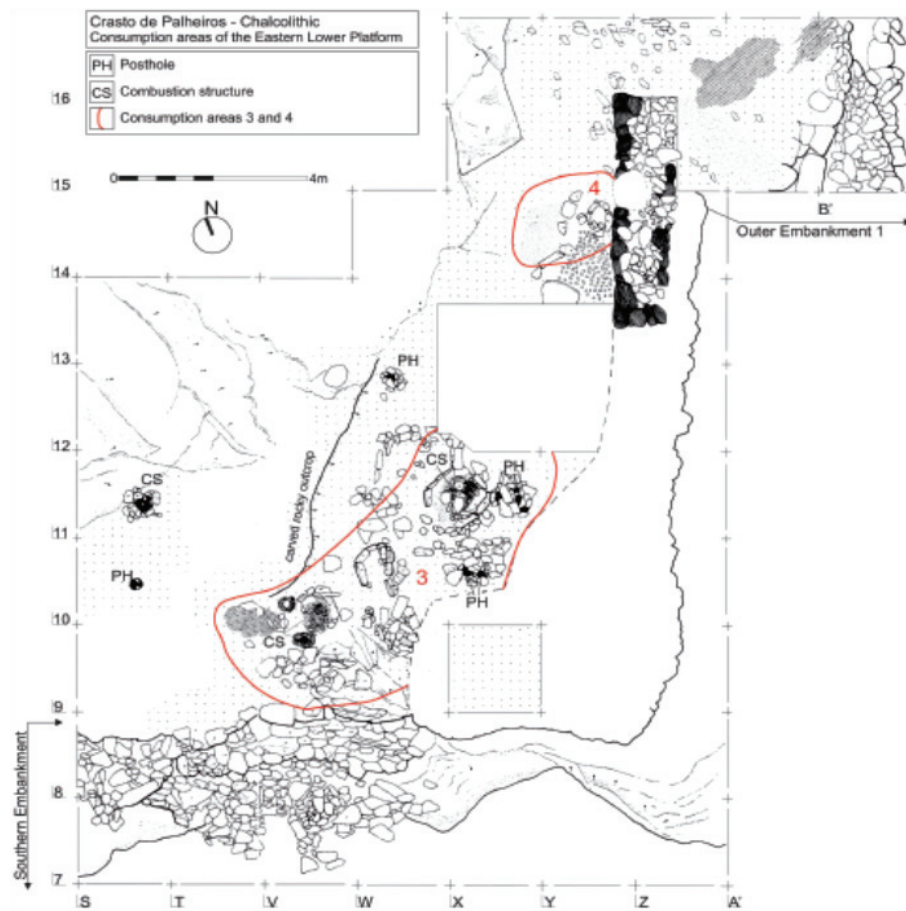


Figura 3 – Recinto L: Área do extremo sul (Unidades habitacionais 1, 2, 3, 4 e 5) e Área habitacional 6 (Tintagem de Rafael Morais)

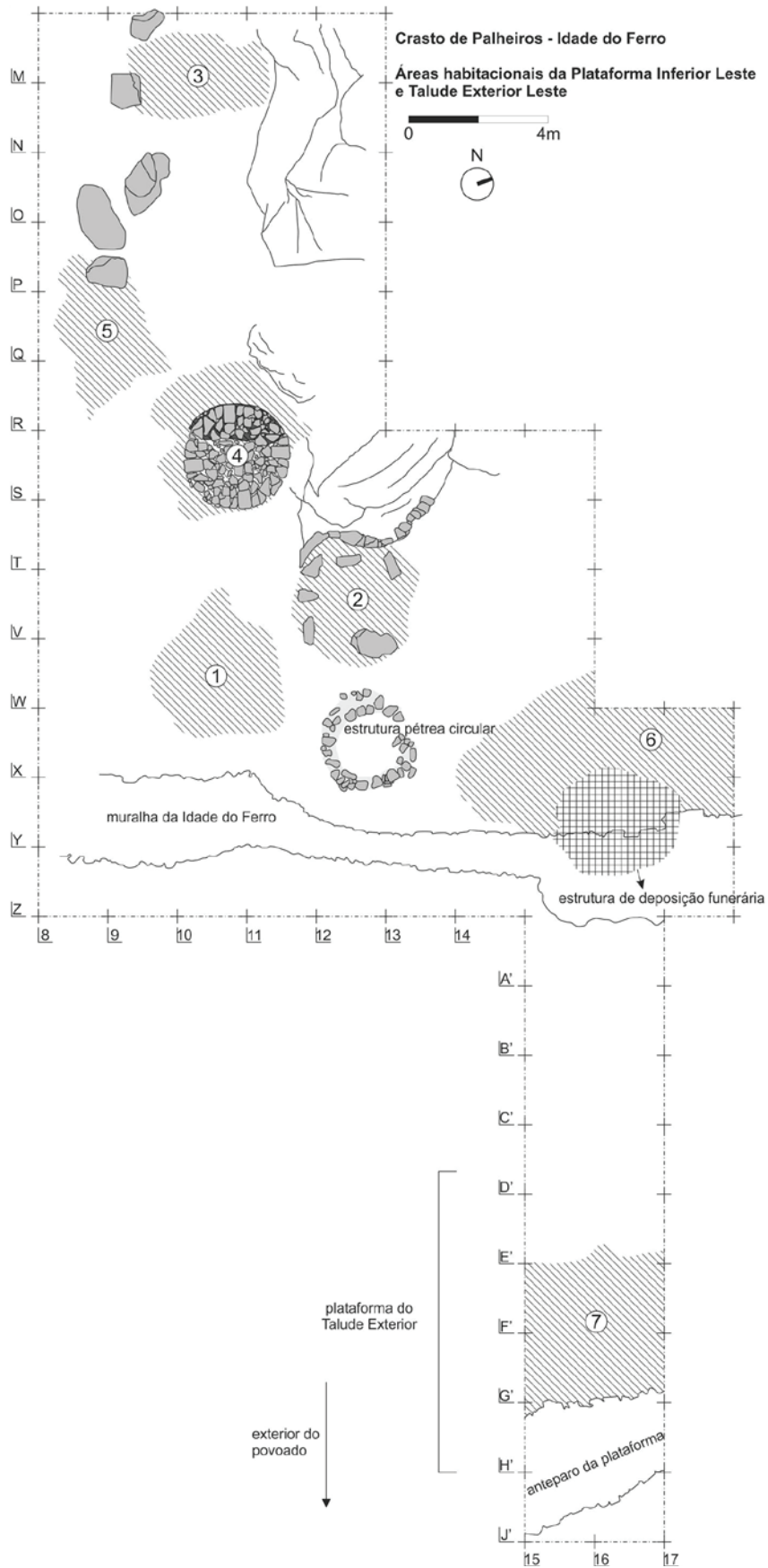


Figura 4 – Planta da área do extremo sul e da  rea Habitacional 6 do Recinto L na Idade do Ferro (Tintagem de Rafael Morais).

Subfase III – 2 (Idade do Ferro)							
Craсто de Palheiros PIL	Unidade Habitacional 1			Unidade Habitacional 3		Unidade Habitacional 4	
	Amostra	Unidade Habitacional 1	Unidade Habitacional 1	Unidade Habitacional 3	Unidade Habitacional 3	Unidade Habitacional 4	Unidade Habitacional 4
Amostra	UET.97.120	UET.96.57	UET.95.31	UET.98.68	UET.95.70	UET.98.73	UET.98.75A
Localização	W9	T/V11	X10	M/N9	M9	R11	R9
Volumе sedimentar	5L	1,2L	1,4L	iL	iL	iL	iL
Complexo		Lx.14	Lx.14/16	Lx.47	Lx.47	Lx.61	Lx.59.2
<i>Hordeum vulgare</i>	49	105	4	127	576	264	2545
<i>Hordeum vulgare</i> (Frag. ráquis)						6	
<i>Hordeum sp.</i>	1						215
<i>Panicum miliaceum</i>		13280	4		114	6	
<i>Panicum / Setaria</i>		105	4				
<i>Triticum dicoccum</i> (gluma e base)							
<i>Triticum spelta</i>		25					
<i>Triticum spelta</i> (gluma e base)	5	15	4		124	328	
<i>Triticum sp.</i>	50		124				325
<i>Vicia faba</i> (completa)	1	15		25	132		15
<i>Vicia faba</i> (1 cotilédone)				18	36		5
<i>Vicia faba</i> (frag.)	1	25		177	480		
<i>Bromus sp.</i>							5
<i>Pinus pinea</i>							5
Cistaceae					6		
Indeterminado					6		

Tabela 2 – Registo das Unidades Habitacionais do Recinto L na Idade do Ferro (Seg. Figueiral).

Plataforma Inferior Leste – Subfase III-1			
Carpologia	Lx.87	Lx.89	Lx.92
	Ocupação	Lareiras	
Cereais – grãos			
<i>Hordeum vulgare</i> (inteiro)		1	
<i>Hordeum vulgare</i> (frag.)			
<i>Triticum aestivum/durum</i>	2		1
<i>Triticum dicoccum/spelta</i> (inteiro)	7		2
<i>Triticum dicoccum/spelta</i> (fragmento)	1		1
<i>Triticum sp.</i>	2		
<i>Triticum sp.</i> (frag.)	1		
Triticeae (frag. grão c/escutelo)			
Triticeae (frag. grão s/escutelo)	31	9	2
Cereais – ráquis e espiguetas			
<i>Triticum spelta</i> (gluma e base)	1		
<i>Triticum aestivum/durum</i> (segmentos de ráquis com nós)			1
Outros			
<i>Arbutus unedo</i> (1/2 fruto)	1		
<i>Arbutus unedo</i> (frag.)	7		13
<i>Cistus sp.</i>	6		
<i>Cistus sp.</i> (frag. cápsula)			1
<i>Daphne gnidium</i>	1		
<i>Vitis vinifera</i> (pedicelo)	1		
Indeterminado	7		8

Tabela 3 – Registo preliminar carpológico da subfase III – 1 da Área Habitacional 6.

Plataforma Inferior Leste – Subfase III-2			Plataforma Inferior Leste – Subfase III-2 Terminal				
Carpologia	Lx. 45.1	Lx. 80	Lx. 75	Lx. 77	Lx. 82	Lx. 86	Lx.94
	Ocupação	Junto a muralha	Poste	Concentração Barro revestimento	Destruição	Poste	Lareira
Cereais - grãos							
<i>Hordeum vulgare</i> (inteiro)	1	3		1	4	1	
<i>Hordeum vulgare</i> (frag.)	4	5	2		6		
<i>Hordeum vulgare</i> c/ escutelo (2/3)				1			
<i>Hordeum vulgare</i> s/escutelo (1/2)				2			
<i>Triticum dicoccum/spelta</i> (inteiro)	14	14	7	52	6		19
<i>Triticum dicoccum/spelta</i> (frag.)	1	6					9
Triticeae (frag. grão c/escutelo)	1	1	3	44			
Triticeae (frag. grão s/escutelo)	61	88	9	8	31	6	71
Cereais – ráquis e espiguetas							
<i>Triticum dicoccum</i> (base gluma)				1			
Outros							
<i>Arbutus unedo</i> (2/3)						1	
<i>Silene gallica</i>			1				
Indeterminado							1

Tabela 4 – Registo preliminar carpológico da subfase III – 2 e da subfase III – 2 Terminal da Área Habitacional 6.

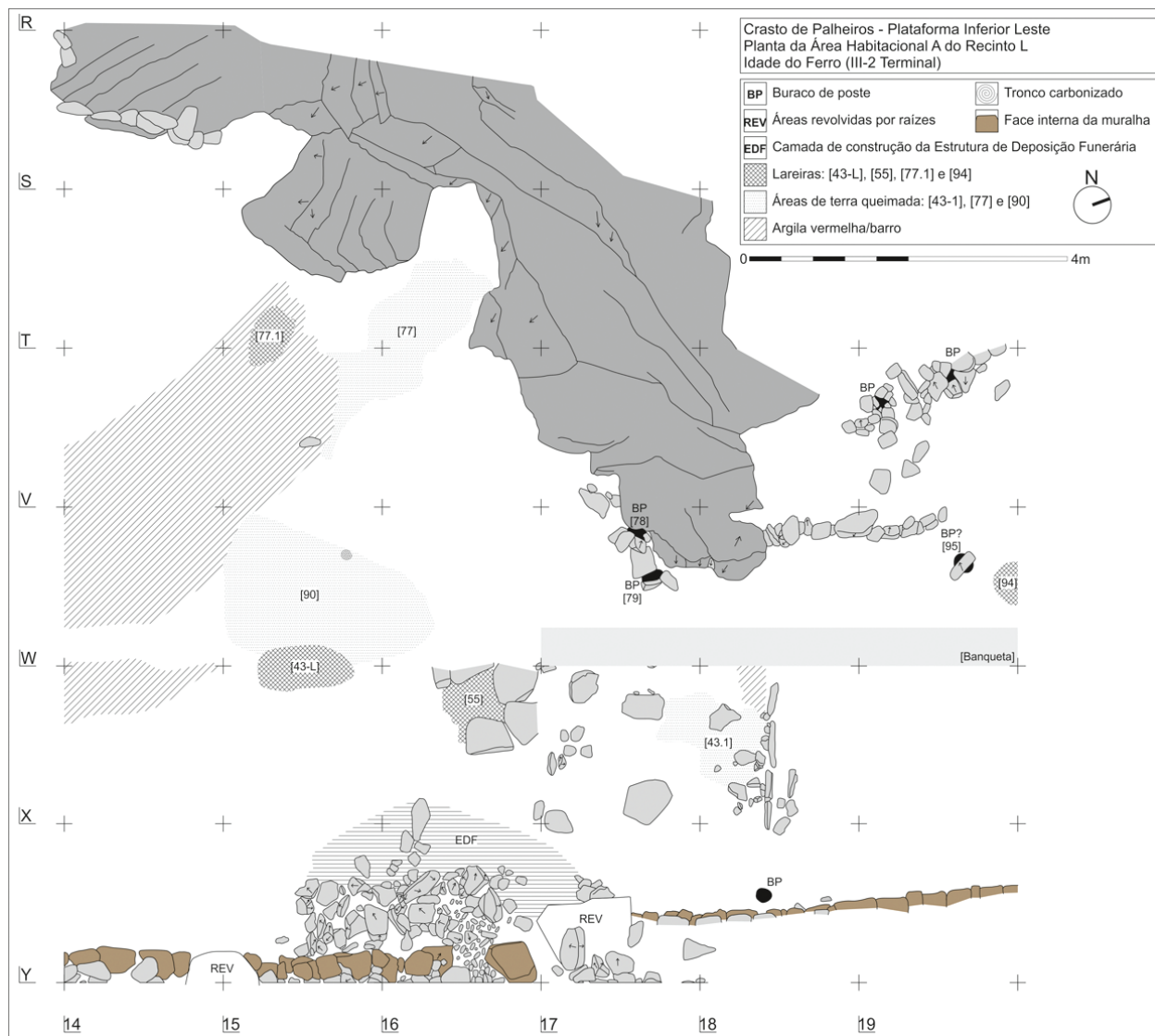


Figura 5 – Planta da Área Habitacional 6 – Área amostrada.

